

A violência em Todos contra D@nte (2008), de Luis Dill: letramento literário pela Sequência Expandida de leitura

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva/UENP/CP-GP CRELIT – Fundação Araucária -vances@uenp.edu.br

Eje: Enseñanza de la Lengua y la Literatura

Tipo de trabajo: ponencia

› *Palabras clave: Narrativa contemporânea. Violência. Letramento literário*

› *Resumen*

Todos contra D@nte (2008), de Luis Dill, introduz o leitor a uma realidade brutal, marcada pela violência física, psicológica e social, ambientada num cenário urbano e escolar, tendo como protagonistas jovens pertencentes à classe social mais favorecida em contraponto a um personagem marcadamente pertencente a um padrão social diferente. Tal narrativa compõe um rol de obras analisadas no contexto do projeto de pesquisa financiado pela Fundação Araucária, do Paraná, intitulado “A representação da violência na literatura brasileira contemporânea”, que tem como objetivo verificar a representação da violência na produção literária brasileira contemporânea, compreendendo o período 1990-2010, de forma a apontar questões sociais complexas que constituem o perfil dos leitores atuais. Aqui, apresenta-se uma proposta de leitura da referida obra em sala de aula tendo como base a sequência didática de leitura literária denominada por Cosson (2007) de “Sequência Expandida”. Entende-se, a partir do conceito de letramento literário, que ela abrange também a problemática de que o aluno precisa compreender aquilo que lê, dando uma finalidade ao que lê, a fim de que a leitura não seja vazia de significados. Considera-se ainda, para a proposição desta sequência didática de leitura, o fato de que a temática da violência, apresentada como elemento interno e estrutural da obra, faz com que a narrativa de Todos Contra D@nte possa ser inserida na categoria de texto voltado para certo público juvenil, levando em conta o processo de escrita híbrida utilizada pelo autor, que toma vários narradores como voz discursiva, revelando diferentes matizes sob o tema. Sob este aspecto, defende-se, portanto, a concepção de que a literatura, ao chamar atenção para temas relacionados à violência e à morte, pode contribuir para a construção da

subjetividade, o desenvolvimento de uma identidade coletiva, bem como o enriquecimento do imaginário e a percepção da alteridade.

› *Figuração da violência em Todos Contra D@ante*

Todos contra D@nte (2008), de Luis Dill, introduz o leitor a uma realidade brutal, marcada pela violência física, psicológica e social, ambientada num cenário urbano e escolar, tendo como protagonistas jovens pertencentes à classe social mais favorecida em contraponto a um personagem marcadamente pertencente a um padrão social diferente. Evidentemente, esta dissonância entre os personagens é o elemento que, ficcionalizado, eleva o jogo literário proposto e apresenta como resultado uma narrativa na qual o universo simbólico proposto pela linguagem literária e arquitetura do texto ofertam ao leitor, sobretudo o jovem, o contato com temas presentes em seu cotidiano.

É possível discutir sobre o efeito causado no leitor por meio da experiência social e cultural operada pela leitura do texto literário. Ou melhor, pensar sobre como o jovem, por exemplo, poderia perceber um tema como o da violência, expresso em narrativas ficcionais e, a partir disso, refletir sobre suas próprias práticas. Tal hipótese, a do efeito, se vincula às ideias de Candido sobre o papel humanizador da literatura (2004). Assim entendido, este processo poderia, tomando como exemplo *Todos contra D@nte*, oferecer ao jovem leitor a possibilidade de vivenciar certos conflitos, alguns no âmbito de suas próprias experiências, operando uma espécie de prática emancipadora por meio do confronto com temas como preconceito, marginalização, desrespeito e intolerância às diferenças, dentre outros.

Entende-se aqui que o contato com estas representações operam, de modo imensurável, o desenvolvimento de uma capacidade crítica e reflexiva sobre si mesmo e o mundo. Afinal, “pelo processo de ‘viver’ temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra risco algum” (Amarilha, 1997, p.19). A posição de Amarilha também é, por analogia, a de Cosson, quando este trata de letramento literário, defendendo que: “No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos” (2007, p.17). No entanto, ainda que se compreenda aqui este caráter humanizador do texto literário e a importância de ofertar ao jovem o acesso a ele, não é possível desconsiderar as dificuldades encontradas tanto no ambiente escolar como fora dele para fomentar a leitura, sobretudo a literária. Na sociedade tecnológica

atual, inúmeros são os desafios para despertar no jovem o interesse pela leitura de obras clássicas ou não, em substituição ao tempo despendido nas redes sociais e outras atividades de lazer, ou mesmo nas classes menos favorecidas, nas quais o acesso ao livro e outros bens culturais, por exemplo, é o primeiro entrave. Por vezes, resta, de fato, à escola ser o único agente no fomento à atividade de leitura, acrescentando, portanto, à falta de interesse o entrave dos conteúdos curriculares que, de modo geral, não expressam sentido algum para o adolescente.

A partir destes aspectos e pensando a produção contemporânea tendo a temática da violência como elemento interno e estrutural da obra, a narrativa de *Todos Contra D@nte* (2008) pode ser inserida na categoria de texto voltado para certo público juvenil, considerando-se o processo de escrita híbrida utilizada pelo autor, que toma vários narradores como voz discursiva, revelando diferentes matizes sob o tema. Por isso, ao pensar na representação estética da violência em textos contemporâneos e preocupada em trazer à tona questões como as do menor infrator, do jovem excluído, frente ao letramento literário na escola, dentre tantos outros temas, apresenta-se aqui uma leitura da obra de Dill¹ para, ao final, sugerir uma proposta de sequência didática de leitura.

Chama a atenção na referida narrativa justamente o fato de que a violência parte daquela que seria a classe social mais favorecida, hipoteticamente mais esclarecida e, por isso, menos afeita a ações violentas. Entretanto, se a violência não vem da periferia, o violentado tem nela a sua origem, dado que se coloca como o elemento gerador do conflito da narrativa, uma vez que Dante, o protagonista, não possui as mesmas referências culturais, sociais e econômicas dos seus detratores-adolescentes de classe alta de uma escola particular que Dante passa a frequentar. Colocado contra a parede por ser diferente dos demais alunos, Dante sofre toda a sorte de preconceito por ser oriundo de um bairro de periferia e, portanto, de outra classe social; por isso é humilhado diariamente (ver exemplos nas páginas 26 e 34, dentre outros).

Além disso, sofre preconceito por não se enquadrar no modelo de beleza valorizado pelos jovens. Disso o que lhe rende certamente mais dissabor é a relação estabelecida pelos alunos da escola nas páginas de uma comunidade denominada “Eu sacaneio o Dante”, criada na internet especialmente para rebaixá-lo (2008, p.83). Quando o leitor toma conhecimento de que Dante fora abandonado pelo pai, essa correspondência entre o sumiço do pai e a sua aparência física torna ainda mais ostensivo o drama do garoto, pois

1 A análise encontra-se mais completa no capítulo *Pela literatura, pensar a violência: vivências para o jovem leitor*, de Ana Paula Franco Nobile Brandileone e Vanderléia da Silva Oliveira, que compõe a obra *Juventude, Sociedade e Exclusão: a exclusão do incluso, no prelo*, pela Editora Mercado Aberto.

sofre com a ausência paterna e com o silêncio da mãe e do irmão mais velho sobre o assunto (2008, p.66).

Relevante, ainda, observar que muitos dos ensaios publicados sobre o livro de Dill dão destaque ao seu projeto gráfico inovador por remeter à nova geração de jovens que comungam de contextos culturais globalizados, moldados segundo valores típicos da indústria cultural e associados ao universo das novas mídias e tecnologias. Também a linguagem e a estrutura do texto buscam proximidade com o universo jovem. A narrativa se desenrola a partir de *links* enumerados nas páginas à esquerda, os quais se ligam às páginas da direita por meio de diálogos entre as personagens, causando o desaparecimento da voz narrativa; de discussões da comunidade, *site* de relacionamento criado para oportunizar discussões como “defina o nariz do Dante”, “doença ou feiura mesmo?”, “vc já sacaneou o koisafeia esta semana?”, “koisafeia é virgem?”, “como aproximar koisafeia e a professora de português”, “jeitos pro koisafeia sair do colégio”, “a família do koisafeia é feia tb?”, “qual a melhor maneira de torturar o koisafeia?”, “por que o pai do koisafeia caiu fora?”; também nestas páginas a voz do narrador é suprimida, pois os comentários são transcritos diretamente pelos participantes da comunidade. Além das vozes dos colegas da escola, de uma voz que fala de uma posição externa aos acontecimentos, a narrativa ainda torna visível a voz periférica, por meio de uma estratégia narrativa na qual o próprio excluído, Dante, narra em seu *blog* os sonhos, a sua paixão por Geovana e as mais diversas formas de violência que os alunos praticam contra ele, que se inspira em Dante Alighieri (1265-1321), autor de *A divina comédia*. O intertexto com esta obra sugere que Dante, assim como a personagem do livro, sofrerá as mesmas agruras para então chegar ao paraíso: “O inferno seria sua chegada à escola, onde é humilhado e passa por diversos momentos difíceis; o purgatório é o momento de espera que o garoto passa em coma na UTI, enquanto seus agressores se desesperam e, no final, o menino chega ao paraíso, ou seja, morre e tem a libertação do sofrimento” (Motoyama & Feba, 2013).

Desse modo, a estrutura do texto intercala diálogos construídos a partir de encontros entre as personagens ou por meio de ligações telefônicas, discussões que se dão pelas páginas da comunidade, reprodução de trechos de *A divina comédia*, letra de música e, por fim, pelas páginas do *blog* pessoal do protagonista, compondo uma trama não linear, efeito da invasão tecnológica que se manifesta na linguagem narrativa pelos vazios na página escrita, por cortes abruptos no tempo e espaço diegéticos, bem como por múltiplos planos temporais e espaciais que se interpenetram, comprometendo a linearidade discursiva que, por sua vez, exige do leitor uma participação atuante para acomodar a nova forma de construção textual e organizar, mentalmente e de forma coerente, os dados fornecidos pelo autor. São essas vozes excepcionalmente independentes entre si, mas que, simultaneamente, comunicam-se e se contrapõem, que revelam não só as várias facetas da

violência bem como as diferentes perspectivas sobre ela, uma vez que cada uma dessas vozes apresenta um ponto de vista acerca de uma mesma existência, um mesmo mundo, um mesmo evento, resultando na construção de uma representação do mundo mais viva e mais fiel e, conseqüentemente, mais dolorosa.

Explorando questões ligadas à diversidade cultural e à dialética minoria/maioria, dentro das quais o universo da discriminação, do preconceito e da intolerância se faz ouvir, o romance deixa entrever, pela interação de vozes, visões de mundo completamente distintas. Enquanto um grupo de jovens tripudia sobre a origem social e a aparência física de Dante, buscando exercer o poder sobre o outro mais (aparentemente) fraco pela força do dinheiro e da influência social, pois o principal grupo de antagonistas são garotos filhos de pais influentes e de alto poder aquisitivo – Cauã, por exemplo, é filho de um advogado criminalista, e o pai de Davi é jornalista - “[...] o cara é da zona norte e fez um pouso forçado e não autorizado na nossa área. por isso, nada melhor e mais justo do que sacanear o espantalho. vambora, mostra tua criatividade, colabora pra avacalhar com essa figurinha, quem sabe ele não volta pra maloca dele?” (Dill, 2008, p.11) –, o protagonista sabe da importância de resistir a todas as ofensas e, para tanto, busca força na literatura (p.15).

Depois do espancamento sofrido por Dante, o grupo formado por Cauã (que lhe acerta uma voadora nas costas, que o derruba de cara no chão duro), Davi, James e Manoela – lutadora de *muay thai* (os quais desferem golpes na cabeça do garoto já caído no chão) se desespera com a possibilidade de serem descobertos, o que gera, ao longo da narrativa, uma série de diálogos entre eles – que precisavam forjar um alibi e armar uma estratégia para se defenderem das acusações – e outros alunos da escola, a qual compõe um espaço conflitual e heterogêneo a respeito da agressão fatal. Para Cauã, por exemplo: “Aposto que vão inventar um monte de mentiras, especulava, vão falar em covardia, em abuso, essas palhaçadas todas. Desligou o chuveiro. O pior vai ser se começarem a aumentar as coisas, todo mundo adora ficar do lado de alguém que se faz de vítima” (Dill, 2008, p.40). Ou então Graziela e Davi em diálogo a respeito do crime (p.65) e a opinião de Cauã fundamentada nos diversos exemplos de criminosos defendidos pelo pai (p.68). Igualmente, no diálogo entre Manoela e Davi em um canto do pátio do colégio, na hora do intervalo:

- [...] o lance aconteceu lá embaixo, capim alto numa descida, não tem testemunha nenhuma, Manu.

- Deus queira. Putz, o saco é que fica todo mundo te olhando, te encarando, parece até que a gente é bicho ou então marginal.

- Não dá nada, Manu. Daqui a pouco o guri volta pro colégio e todo mundo esquece. A gente precisa ficar junto, negar sempre, é o único jeito [...].

- Será? Tão falando que a mãe dele foi na polícia.

- Foi nada. Mentira. Esse povo inventa coisas. Lembra a vez que botaram fogo naquele restaurante? Não deu nada. Não vai ser diferente agora, logo com a gente. (p.73).

O trecho, além de revelar o olhar distorcido da garota a respeito da atrocidade cometida por ela e os demais, põe à mostra a impunidade pela prática do vandalismo cometida dentro e fora da escola, o que, por sua vez, é abafada pela direção do colégio: fezes humanas colocadas na sala dos professores; mesa jogada em docente porque deu nota baixa; professora que teve casaco rasgado com estilete; guerra de pedradas entre turmas rivais na saída do colégio, danificando carros que passavam pelo local, e incêndio criminoso citado no excerto (Dill, 2008, p.64). Vale destacar a conversa telefônica entre Cauã e a testemunha, anônima, que delataria os agressores e que se coloca no texto como uma voz disonante (p.77) e também aparecem Graziela e Rosália, como vozes discordantes, em conversa na lanchonete do shopping (p.89). Essa multiplicidade de vozes, portanto, permite instalar na narrativa a complexidade e as contradições dos conflitos sociais, que, no caso de *Todos contra D@nte*, estão ligadas à violência gerada pela diferença, pois cada personagem mantém sua individualidade marcada pelo papel que desempenha na trama, ao mesmo tempo em que participa desse grande diálogo. Por outro lado, Dill acaba por apresentar a múltipla faceta da violência, sobretudo considerando-se o paratexto ao final da obra, no qual relata o crime ocorrido contra uma menina de 13 anos, assassinada por colegas da escola, a partir do qual se baseou para compor a história de Dante (2008, 91).

É por isso que a literatura, ao chamar atenção para temas relacionados à violência e à morte, pode contribuir para a construção da subjetividade, o desenvolvimento de uma identidade coletiva, o enriquecimento do imaginário, a percepção da alteridade. E, embora aponte para questões sociais, morais e éticas, a obra de Dill passa ao largo de uma proposta pedagogizante/utilitária. Ao contrário de uma mera função pedagógica, incompatível não apenas com a própria natureza da literatura, mas também com o novo patamar atingido pela produção juvenil contemporânea, *Todos contra D@nte* assume uma função formativa, tal como Candido discute em “A literatura e a formação do homem” (1972), ao discorrer sobre o caráter humanizador do texto literário, na medida em que possibilita ao jovem leitor vivenciar a realidade, refletindo sobre ela, pela ficção e fantasia.

› ***Proposta de sequência didática de leitura***

Pelas potencialidades da obra, propõe-se a Sequência Expandida (Cosson, 2007), destinada a alunos da educação básica, em média com faixa etária em torno de 14 anos. A sequência se estrutura em: motivação, introdução, leitura (dividida em intervalos), primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão. A proposta leva em conta o total de 30 aulas.

MOTIVAÇÃO: (2 aulas) Introduzir o tema *bullying* a partir do vídeo *Paz*, de Gabriel, o pensador, disponível em <http://exterminiodobullying.blogspot.com.br/2013/04/paz-gabriel-o-pensador-aqui-se-planta.html> (acesso em 12/10/2014). Após, os alunos darão suas opiniões gerais sobre o assunto, sendo conduzidos a uma discussão, motivada pelo professor, que se encaminhe para a valorização da necessidade de respeito ao próximo e às diferenças.

INTRODUÇÃO: (2 aulas) Realizada quando cada aluno estiver com exemplar da obra em mãos. O autor será apresentado à turma, sendo-lhes questionado se conhecem Luís Dill. Apresenta-se o sítio do autor na *Web*, disponível em <http://www.luisdill.com.br>. Focaliza-se a obra *Todos Contra D@ante*, explorando oralmente a capa, as cores, tipo de letras, formato, diagramação: o que acham da capa? É um desenho comum? E o formato, chama atenção? O que representa essa imagem? Olhando a capa, do que será que trata a obra? Por que vocês acham que ela fala sobre isso? O que significa o símbolo @ no nome Dante? Lendo o título da obra, é possível identificar sobre o que será falado na história? Solicitar a um aluno para que leia em voz alta a contracapa do livro, que aborda o enredo. A partir dele, da imagem da capa e do que já foi dito, explicar o porquê da escolha desta obra, dando espaço para que os alunos digam o que esperam da leitura.

LEITURA - Iniciada em sala de aula após a introdução e encaminhada para ser feita extraclasse, dividida em dois momentos a partir dos quais serão tratados os intervalos: das páginas 7 a 47, em 7 dias; das páginas 48 a 89, em 15 dias.

1º INTERVALO: (6 aulas) Propor aos alunos que, em círculo, exponham oralmente sobre a leitura realizada, sintetizando do que trata a obra e destacando aspectos que tenham lhes chamado a atenção. A obra referencia-se ao poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321), o que deve ser explorado neste primeiro intervalo, apresentando-se à turma quem foi este poeta e discorrendo sobre o que trata *A Divina Comédia*. Sugere-se que sejam apresentadas aos alunos formas físicas da obra, ainda que em versões, adaptações, inclusive em HQ, para que eles possam ser informados sobre o valor e permanência desta obra ao longo dos séculos. É importante apresentar o enredo, bem como síntese crítica para que eles possam estabelecer relação com a leitura de *Todos Contra D@ante*, fazendo inferências sobre o diálogo estabelecido entre elas por meio do personagem narrador. É importante retomar os *Blog 01 a 05*. A turma pode ser dividida em 5 grupos e a eles podem ser atribuídas as tarefas de ler os versos retirados de *A Divina Comédia* e o discurso do narrador em cada *blog*, para, em seguida, socializar, oralmente, as relações estabelecidas com o enredo. Cada grupo deve concretizar as relações estabelecidas, redigindo um texto aos moldes do que fez

o personagem nas páginas que indicam os *blogs*, a partir de algum verso retirado de *A divina Comédia*. Para isso, devem pesquisar na *Web* extraindo o trecho que lhes motivem a escrever ou mesmo utilizando os que constam no romance.

2º INTERVALO: (4 aulas) Retoma-se a leitura dos *Blogs* 6 a 10, em grupo, para acompanhamento do diálogo estabelecido entre o personagem e o poeta Dante Alighieri, explorando-se os “links” apresentados. Após exposição oral sobre as inferências feitas, deve ser apresentada à turma a notícia “*Comissão da Câmara aprova obrigatoriedade de campanha antibullying nas escolas*”, disponível em: <http://ultimainstancia.uol.com.br/conteudo/noticias/71973/comissao+da+camara+aprov+a+obrigatoriedade+de+campanha+antibullying+nas+escolas.shtml> (acesso em 15/10/14), discutindo-se sobre as informações ali expostas e destacando as características composicionais desse gênero textual. Discutir sobre as semelhanças e diferenças possíveis entre a notícia e a obra lida. Importante ler o *post-scriptum* a fim de contextualizar a notícia que motivou o autor a escrever a obra. Deve ser solicitado aos alunos que elaborem uma produção individual no formato notícia relacionada ao *Bullying*. Esta notícia será exposta em mural da sala/escola.

PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO: (2 aulas) Retomar a leitura da obra; explicar a estrutura do texto argumentativo e pedir para que eles produzam, individualmente, um texto no qual exponham as ideias sobre a obra.

CONTEXTUALIZAÇÕES – em grupos:

POÉTICA: (2 aulas) Estudo dos elementos que compõem a obra e o modo como esta foi organizada. Explorar a estrutura do texto, verificando como se dá a confluência entre os diálogos, as páginas da comunidade, reprodução de trechos de *A divina comédia*, letra de música e páginas do *blog* pessoal do protagonista, atentando-se para a articulação feita pelo autor com o universo tecnológico, incorporado à narrativa: páginas, *blogs*, vocabulário ligado ao meio digital etc, numa espécie de aproximação do texto ao universo dos adolescentes. É o momento de introduzir a discussão sobre as redes sociais e o uso que dela fazemos. Como registro, os alunos, em duplas, extrairão da obra pelo menos dois exemplos de agressões sofridas pelo personagem, tecendo um comentário crítico, por escrito, sobre o que elas representam. Deverão socializar os registros entre as diferentes duplas, de modo a circular as diferentes compreensões de cada um.

PRESENTIFICADORA: (6 aulas) Os alunos irão assistir a um documentário dirigido por Lee Hirsch, intitulado *Bully* (2011), disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=3xdQprkInI>. Discussão sobre as percepções em torno do filme, apresentando-se, em seguida, como se configura o gênero panfleto informativo, para que os alunos possam produzir um abordando o tema com mais profundidade e a fim de distribuí-lo nas demais salas de aula, numa proposta de campanha de alerta contra o *bullying*. Nele, deverão constar as seguintes informações: "O que é *bullying*?", "O que é *cyberbullying*?", "O *bullying* na escola", "O que leva alguém a praticar *bullying*?", "Quais são as consequências para o alvo do *bullying*?".

CRÍTICA: (2 aulas) Apresentar aos alunos a estrutura de uma resenha crítica e uma análise sobre a obra lida. A partir das discussões em sala e da opinião que cada aluno formou sobre a obra, em geral, solicitar produção, em dupla e extraclasse, a partir do ponto de vista deles, de uma crítica sobre a obra. O texto deve ser recolhido para a correção, devolvido aos alunos para refacção e divulgação no mural da escola/sala.

SEGUNDA INTERPRETAÇÃO: (2 aulas) Explicar sobre propaganda social e sua estrutura. Os alunos, em duplas, farão cartazes com uma propaganda social que aborde o tema da violência e do *bullying*. Os textos serão divulgados no mural da escola/sala somando-se aos demais publicados.

EXPANSÃO: (2 aulas) Apresentar a reportagem "*Cyberbullying: a violência virtual*". O texto serve como conscientização para os alunos em relação a esse problema. Após, discutir sobre o assunto e apresentar brevemente a obra *Letras Finais (2005)*, do mesmo autor, que aborda temas relacionados aos que foram vistos na obra lida, porém de forma distinta, iniciando-se nova Sequência Expandida.

› *Referencias bibliográficas*

Amarilha, M. (1997). *Estão mortas as fadas?* Literatura infantil e prática pedagógica.

Petrópolis: Vozes.

Candido, A. (2004). O direito à literatura. En: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Duas Cidades.

----- (1972). *A literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura.

Cosson, R. (2007). *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.

Dill, L. (2005). *Letras Finais*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

----- (2008). *Todos contra D@nte*. São Paulo: Companhia das Letras.

Motoyama, J. F. M. & Feba, B. L. T. (2013). *Todos contra D@nte: aspectos estéticos e*

literários do texto. Anais I SELLITCON. Cornélio Procópio: Universidade Estadual do Norte do Paraná. CD ROM.

Santomauro, B. (2014). Cyberbullyng: a violência virtual. *Revista Nova Escola*. Disponível em:

<<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/cyberbullying-violencia-virtual-bullying-agressao-humilhacao-567858.shtml?page=0>>. Acesso em 28 jul 2014.